



JACOB PETRY

**O ÓBVIO
QUE IGNORAMOS**

**Como simples atitudes podem fazer você
obter sucesso em tudo que realiza**



 **FARO
EDITORIAL**

JACOB PETRY

**O ÓBVIO
QUE IGNORAMOS**

**Como simples atitudes podem fazer você
obter sucesso em tudo que realiza**

COPYRIGHT © JACOB PETRY, 2020

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa **JACQUI MARTIN E R.CLASSEN | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Petry, Jacob

O óbvio que ignoramos / Jacob Petry. — São Paulo :
— São Paulo : Faro Editorial, 2018.
192 p.

ISBN 978-65-86041-06-4

1. Sucesso 2. Sucesso nos negócios 3. Prosperidade
I. Título

20-1051

CDD 158.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Sucesso 158.1



1ª edição brasileira: 2020

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br



CAPÍTULO 1

O SEGREDO POR TRÁS DA BELEZA

O ponto de partida de todas as pessoas que têm sucesso

Paulo Francis batia com a mão na mesa, reclamando com a equipe no escritório da Rede Globo em Nova York:

— Por que tenho sempre de entrevistar gente aborrecida? Eu quero a “Gisela”.

Uma semana depois, o jornalista, então com 65 anos, estava frente a frente com a modelo. O encontro ocorreu no Circus, um restaurante de comida brasileira a duas quadras do Central Park.

Gisele chegara de São Paulo havia pouco tempo. Tinha 15 anos e não falava mais que meia dúzia de palavras em inglês. Seu sucesso, na época, era modesto: algumas dezenas de desfiles e apenas duas capas de revista, para a *Capricho* e para a *Marie Claire*, ambas brasileiras. Francis, dono de um estilo contundente e sarcástico e sempre temido, mostrava-se surpreendentemente doce naquele dia.

— Você é menina ou mulher? — perguntou.

Gisele riu. Fez um movimento com seus cabelos loiros.

— Mulher, claro.

Francis se aproximou um pouco mais. Tocou a grossa armação de seus óculos. Fixou-se nos olhos azuis de Gisele e, quase num sussurro, galanteou:

— E se eu te disser que você é a mulher mais bonita do mundo?

Gisele riu outra vez. Disfarçou. Decerto não sabia o que dizer.

Por causa de um infarto fatal, no ano seguinte, Francis não viu sua musa subir ao topo. Gisele foi muito além do que ele podia imaginar. O título de mulher mais bonita do mundo foi conquistado *oficialmente*. Gisele tornou-se multimilionária. Foi considerada também uma das cem pessoas mais influentes do mundo. E tudo isso em menos de uma década.

O que a então pouco conhecida Gisele tinha que Francis, observador arguto, notou imediatamente?

O enigma de Tamayo

O Upper West Side é um bairro que fica no lado oeste da ilha de Manhattan, acima da Rua 59, entre o Central Park e o rio Hudson. O local transpira tranquilidade. É conhecido como um dos dez bairros residenciais mais caros dos Estados Unidos por hospedar a classe cultural e artística de Nova York.

Elizabeth Gibson é uma escritora que mora na Rua 72. É alta, loira e elegante. Numa manhã de sábado, em março de 2003, ela saiu em direção à Broadway, a poucas quadras de onde mora. Como fazia todas as manhãs, tomaria café num charmoso Starbucks. Quando chegou à esquina da sua rua, em frente ao prédio residencial Alexandria, viu uma tela enorme abandonada entre dois sacos de lixo. A pintura era quase inteiramente abstrata, mas distinguiam-se um homem, uma mulher e uma figura andrógina, num misto vibrante de roxo, laranja e amarelo, com uma delicada cobertura de areia. Elizabeth parou por um instante, observou a obra, intrigada, e seguiu seu caminho.

Porém, continuou pensando na tela enquanto tomava café. Algo a impelia a voltar ao local e fazer uma segunda avaliação. “Aquela

pintura tinha algo muito poderoso”, contou ela mais tarde. Ainda tentou se convencer do contrário: o quadro era muito grande e não caberia no apartamento e a moldura destoava, de tão barata. Ainda hesitante, acelerou o passo no percurso de volta. Temia já não encontrar seu achado. Por sorte, ele ainda estava lá. A segunda impressão foi ainda mais impactante, e Elizabeth levou a tela consigo.

Em casa, arrumou um lugar na parede da sala. Na manhã seguinte, ao passar pelo Alexandria, abordou o porteiro e perguntou-lhe se, por acaso, não vira alguém deixar uma tela no lixo no dia anterior. Perguntou também a alguns moradores que saíam do prédio. Ninguém sabia de nada. A situação toda a perturbava. Telefonou para um amigo que trabalhava numa casa de leilões e contou-lhe sobre o quadro. “Ele me perguntou se a pintura havia sido assinada. Eu disse que havia, sim, um nome rabiscado no canto superior direito, mas tudo que eu conseguia entender era ‘Tamayo 0-70’”. Ela acreditou, por segundos, que talvez descobrisse algo sobre a obra. “Mas ele não se interessou por aquele mistério como eu e desligou, dizendo que me procuraria caso descobrisse alguma coisa”, lembrou Elizabeth.

Meses depois, ao mudar a tela de lugar, deu-se conta de que havia carimbos estampados no verso. Um era do Museu de Artes Modernas de Paris. Outro, da Perls Gallery, uma antiga casa de artes de Manhattan, que havia fechado em 1996. E um terceiro, da galeria Richard Feigen, também de Manhattan. “Cada vez mais me convencia de que a pintura era valiosa”, explicou. Telefonou, então, para a galeria Richard Feigen, mas o enigma persistia: não havia por lá registro algum da tela.

Passado quase um ano, Elizabeth, ainda intrigada, contou toda a história a um estudante de artes que conheceu por acaso. Dias depois, ele trouxe um catálogo no qual constava uma pintura de um mexicano chamado Rufino Tamayo, vendida por 500 mil dólares. “Fui até a biblioteca da universidade onde o rapaz estudava e lá encontrei uma pilha de livros sobre Tamayo”, lembrou ela. Um deles tinha na capa nada menos que a pintura encontrada no lixo. Agora que ela sabia que pintor e obra eram famosos, uma nova pergunta

não a deixaria dormir: seria a tela original? Elizabeth achou melhor não deixar a obra exposta na sala. Com a ajuda de uma amiga, criou uma parede falsa no fundo do seu closet. Com cuidado, envolveu o quadro em cortinas velhas e escondeu-o ali, decidindo não falar mais publicamente sobre a tela.

Tempos depois, leu que uma rede de televisão do estado de Maryland retransmitiria um documentário sobre obras-primas desaparecidas, incluindo uma obra de Tamayo. Elizabeth não teve dúvida de que ali estaria a informação que tanto procurava. Mas havia um problema: a emissora cobria a região de Baltimore, em Maryland, e Elizabeth estava em Nova York. Decidida a não perder a oportunidade, certificou-se de que chegaria a tempo e entrou no primeiro ônibus para Baltimore. Chegou ao hotel em cima da hora. No quarto, largou a bolsa sobre a cama. Começava, enfim, o programa que esclareceria o mistério que para ela já tinha quatro anos. A tela *Tres personajes*, pintura original de Rufino Tamayo, havia sido roubada de um casal em Houston, no Texas, duas décadas antes. Objeto de investigação do FBI, seu valor estimado era de 1 milhão de dólares. Assim que retornou a Nova York, Elizabeth agendou uma reunião com August Uribes, diretor da Sotheby's, famosa casa de leilões, entrevistado pelo programa. Ao chegar à casa dela, Uribes reconheceu imediatamente a tela: era de fato a obra original.

O que fez Elizabeth, que nunca entendeu muito de arte, intuir desde o primeiro dia que o quadro encontrado no lixo era valioso? Por que, durante tanto tempo, ela fez o possível para desvendar esse mistério? De onde veio o poder que tanto intrigou Elizabeth? Que segredo, afinal, esconde-se por trás da beleza?

O poder do discurso simples

Em julho de 2004, numa convenção nacional do Partido Democrata americano, um jovem político de 43 anos subiu ao palco. Seu nome: Barack Hussein Obama. Até ser escolhido para fazer um pronunciamento naquela convenção, Obama era praticamente desconhecido

no meio político americano. Sua área de atuação se restringia ao estado de Illinois, onde, em 1996, havia sido eleito membro do legislativo local. Fora isso, atuara como líder comunitário, advogado e professor de direito constitucional na Universidade de Chicago. Em 2000, tentara eleger-se para o Congresso americano e não conseguira. Apesar desse fracasso, anunciou, três anos depois, sua candidatura ao Senado. Obama venceu as primárias do partido mesmo enfrentando uma luta desigual contra políticos tradicionais. A vitória fez com que o escolhessem para orador de honra na convenção nacional. Era tudo de que Obama precisava. Ao final de quinze minutos, seria um ídolo nacional. Esse pronunciamento entrou para a história como “O discurso”.

Enquanto falava, Obama foi capaz de retirar as pessoas de onde estavam e transportá-las para os diversos lugares que marcaram sua longa trajetória familiar. Levou-as por um passeio pelas vilas pobres do Quênia, onde seu pai nasceu. Depois, trouxe-as para as fazendas do Kansas, terra natal de sua mãe. Em seguida, levou-as, com seu avô, ao Haváí. Depois, seu percurso subiu até Harvard, onde se graduou, e logo desceu outra vez para os lugares mais pobres de Illinois, nos quais, mesmo tendo um diploma de primeira linha, prestou serviços comunitários por anos. Partindo de diferenças, Obama criou semelhanças. Ele uniu cores, nações, raças, crenças e posições sociais. “Num país como os Estados Unidos, o nome de uma pessoa não deve ser um problema para alcançar o sucesso”, disse ele para justificar seu nome incomum, desassociando-o de inimigos como Saddam Hussein e Osama Bin Laden.

No final do discurso, quando disse a última frase, Obama havia transformado sua história pessoal na história de cada americano. Seu discurso franco cativou o coração de milhões de pessoas.

Provavelmente, você já presenciou um momento parecido. Um professor, um palestrante, um líder empresarial sobe ao palco e encanta com a mesma elegância simples, porém mágica, de Obama. É a mesma sedução de um quadro valioso, como o de Tamayo, e de uma jovem modelo prestes a se tornar a melhor do mundo. São exemplos do misterioso fascínio que algumas pessoas e alguns objetos

exercem sobre nós. De onde vem esse poder? Que segredo se esconde por trás de formas de beleza tão diferentes?

Deparei-me com esse mesmo fenômeno ao visitar o Museu Nacional Reina Sofia, em Madri, no verão de 2006. Ansioso, eu avançava pelas galerias do museu quase sem reparar nas outras obras. Queria realizar um sonho de infância: ver *Guernica*, a famosa pintura de Pablo Picasso, uma das mais conhecidas no mundo. Pintada em 1937, ela retrata o bombardeio da vila de Guernica, ocorrido durante a Guerra Civil Espanhola. Trata-se de uma imensa tela de 3,5 metros de altura e quase 8 metros de largura. As imagens em preto e branco, com leves tons azulados, são à primeira vista confusas, indefinidas e quase incompreensíveis.

Ao avistar o quadro, minha primeira impressão nada teve de espetacular. “O que há de especial nisso?”, perguntei-me. E a primeira resposta que se pode dar a essa pergunta é: nada, pelo menos aparentemente. Não é o que se pode considerar um quadro “belo”, pois ali está representado todo o horror. Decidi, então, explorar a pintura com mais cuidado, e logo o encanto se revelou. As cenas de morte, violência, brutalidade, sofrimento e súplica que compõem a obra finalmente me tocaram.

O que eu via, então, não era mais a *Guernica* representada por Picasso, mas algo bem mais poderoso. Senti fluir, a partir da pintura, um sentimento de dor, de agonia, de compaixão. Da tragédia ocorrida na Espanha, o quadro me levou aos mais distintos cenários de violência e sofrimento humano, do Iraque ao Afeganistão, de Ruanda às favelas do Brasil, das dores do mundo às minhas próprias dores.

Quando deixei o museu, eu estava intrigado. A excepcionalidade de *Guernica* não está propriamente em seus traços, mas fluindo por eles. Existe uma beleza que ultrapassa o que vemos na tela.

Gisele e o conceito de beleza

Pense na seguinte questão: Gisele Bündchen é, realmente, a mulher mais bonita do mundo? Claro que não. Ela é uma mulher linda, isso

é inquestionável; porém, qualquer um concorda que, se saíssemos por aí com o objetivo de encontrar mulheres bonitas, poderíamos encontrar algumas mais bonitas que ela. Até a própria Gisele não se considera tão bonita assim. “Eu achava que era a pessoa mais estranha que já andou na face da terra”, disse ela certa vez, referindo-se à sua adolescência. No colégio, era chamada de Olívia Palito e de Saracura. No início da carreira, foi recusada constantemente. Diziam que seu jeito de andar era esquisito. E tinha um nariz muito grande, razão pela qual, segundo os especialistas em moda, ela jamais conseguiria fazer uma capa de revista. Ainda hoje, ela mesma acha que seu nariz não é o ideal. Antes da fama, também implicava com seu cabelo. Como qualquer adolescente, vivia fazendo escovas e inventando cortes.

Se é assim, o que Paulo Francis — e depois o planeta inteiro — viu em Gisele a ponto de considerá-la a mulher mais bonita do mundo? Como ela conseguiu passar essa impressão? Mais especificamente, qual é o segredo por trás da beleza de Gisele Bündchen?

Para responder a essa pergunta, temos de voltar ao item anterior, em que eu disse que, ao deixar o Museu Reina Sofia, em Madri, tive a impressão de que a excepcionalidade da obra *Guernica* não está propriamente em seus traços, mas flui por eles. A mesma certeza me acompanha quando vejo o desempenho de pessoas como Gisele, Obama e tantas outras. Se, no caso de Gisele, essa força não é a beleza física, como somos levados a pensar, que força é essa?

Vamos analisar o que alguns profissionais que cercam Gisele disseram sobre ela. “Gisele é a expressão máxima da vocação para o que faz”, afirmou o fotógrafo brasileiro Bob Wolfenson, que trabalha com a modelo desde que ela estreou aos 14 anos. No início da carreira, num dos primeiros ensaios que Gisele fez, Wolfenson disse a ela: “Chore.” E Gisele chorou. “Ela é um gênio na passarela e na frente das câmeras”, elogiou Wolfenson, que completou: “Há uma palavra-chave que define seu potencial: autocontrole”. Steven Meisel, um dos fotógrafos internacionais mais reconhecidos no mundo da moda, afirmou a mesma coisa: “Gisele é uma camaleoa e uma boa atriz”, argumentou. “Ser atriz faz parte do ofício de modelo”,

explicou. “Ela é capaz de encarnar, com uma facilidade incomum, uma série de emoções distintas.” A opinião de Meisel e Wolfenson foi reforçada pela estilista Donatella Versace. “Seu estilo dá vida à roupa, tornando-a expressiva e sexy”, revela.

O interessante é que nenhum dos três depoimentos faz referência à beleza física de Gisele. O que Meisel, Wolfenson e Donatella exaltam é a habilidade e o talento que ela possui para encarnar diferentes papéis e expressar emoções de forma genuína ao se apresentar na passarela ou em frente às câmeras. Não é apenas sua beleza física, mas como ela faz o que faz, que a diferencia. Essa parece ser a chave do mistério de todas as histórias de sucesso. Assim como a pintura de Picasso, o discurso de Obama e o quadro de Tamayo, a beleza de Gisele é o resultado de uma força que flui por ela, seu talento natural aprimorado à perfeição. Paulo Francis, ao afirmar que Gisele era a mulher mais bonita do mundo, foi sutil o bastante para perceber isso.

Em outras palavras, o que admiramos quando Gisele entra na passarela, ou quando ela posa para um fotógrafo, não é puramente a harmonia dos seus traços e sua forma física, embora sejamos muitas vezes iludidos por essa sensação. O que nos encanta, na verdade, é o seu talento. “No começo, eu não tinha ideia do que era ser modelo”, confessou ela. “Eu não sabia que quando se está no palco, ou em frente às câmeras, atuando como modelo, você precisa se tornar outra pessoa, incorporar uma personagem”, revelou. O que Gisele chamou de “incorporar uma personagem” é nada mais do que dar vazão ao talento. Ao longo da carreira, ela aprimorou esse talento a ponto de atingir a perfeição.

Isso nos ensina duas lições fundamentais para compreender o sucesso. A primeira lição nos mostra que o segredo por trás de toda beleza é a manifestação natural de um talento genuíno, desenvolvido até praticamente atingir os limites da perfeição. Tire o talento para a oratória de Barack Obama ou o jeito singular de desfilarem e a virtude fotogênica de Gisele, e eles serão mais uma das pessoas nas quais esbarramos pela rua e que não despertam nossa atenção. A segunda lição deriva da primeira e é muito mais simples, porém

conclusiva: se você negligenciar seu talento, estará negligenciando sua maior força.

Descobrimo os pontos fortes

Valdir Bündchen, pai de Gisele, é um homem alegre, comunicativo e dono de uma energia bastante incomum. Fala rápido, com inúmeras pausas e inflexões de voz. Seu currículo é amplo e eclético, mas, acima de tudo, é um especialista em treinamento pessoal. Na década de 1990, iniciou um fascinante trabalho que chamou de Estudo de Perfil Pessoal. Valdir aplicou esse estudo nas empresas que assessorou com o objetivo de descobrir o talento de cada membro de uma equipe e investir nele. “Uma vez descoberta a habilidade de cada integrante de um time, a empresa é estimulada a oferecer condições para que essa pessoa passe a atuar na área em que suas atribuições contribuirão para desenvolver seu potencial”, explicou ele.

Ele acreditava tanto nessa ideia que, à medida que cada uma de suas filhas completava 14 anos, usava o Estudo de Perfil Pessoal para descobrir suas habilidades. Depois, sugeria que investissem numa área que desenvolvesse esse potencial. “Essa é uma ideia muito simples. Não existe nada de novo e de misterioso nisso, mas, quando aplicada, cria resultados espantosos”, garantiu. E ele explicou por quê: “Construir sobre o talento faz com que as pessoas despertem a curiosidade e a paixão que trazem dentro de si, e não há fonte de energia maior do que essa”. Segundo Valdir, tudo que precisamos é descobrir onde está nossa paixão e nossa curiosidade e atuar nesta área. Esta parece ser uma questão muito óbvia. O problema está no fato de que acontece exatamente o contrário no nosso dia a dia. Nós somos levados a ignorar nosso talento.

Imagine, por exemplo, que você tenha uma facilidade enorme para aprender matemática, mas que suas notas sejam um desastre em gramática. As lições de matemática já estão concluídas enquanto o professor repete algum ponto que um colega não compreendeu. Você se sente desafiado pela matemática, ela lhe estimula. Você olha

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA LC MOYSES EM FEVEREIRO DE 2020